



Litania da velha, de Arlete da Cruz: a melancolia, o discurso do abandono e o sagrado

Ingrid Lopes Rodrigues Piauilino*, Welistony Câmara Lima e Solange Santana Guimarães Moraes

Universidade Estadual do Maranhão, Avenida Lourenço Vieira da Silva, 1000, 65055-310, São Luís, Maranhão, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ingridpiauilinolopes@gmail.com

RESUMO. O poema *Litania da Velha* (Cruz, 1997), de Arlete Nogueira da Cruz, condensa as relações entre a narrativa de uma Velha e da cidade de São Luís, especialmente do espaço Centro Histórico. É dentro deste cenário que o sujeito lírico tece a melancolia da passagem temporal, em um transcorrer da vida cotidiana, permeada pela velhice, abandono e sagrado/profano. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivos: compreender a presença da melancolia construída dentro do texto em questão; discutir a verossimilhança entre o espaço e a Velha; analisar o discurso do abandono de menores e do sagrado na poética. Para tanto, foi necessário trilhar pela metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico, elencando autores como Walter Benjamin (1989), Marcelo Lima Costa (2016), Dinacy M. Corrêa (2010), entre outros trabalhos pertinentes na área. Dessa forma, o presente trabalho se destaca, pois propõe uma óptica diferente acerca do poema maranhense consagrado, bem como porque destaca a produção literária local.

Palavras-chave: poema; melancolia; *Litania da velha*; abandono; sagrado.

Litany of the old woman, by Arlete da Cruz: melancholy, the discourse of abandonment and the sacred

ABSTRACT. The poem *Litania da Velha* (Cruz, 1997), by Arlete Nogueira da Cruz, condenses the relationship between the narrative of an old woman and the city of São Luís, especially the Historical Center. It is within this scenario that the lyrical subject weaves the melancholy of the passage of time, in the course of daily life, permeated by old age, abandonment and sacred/profanity. In this sense, the research has as objectives: to understand the presence of melancholy constructed within the text in question; to discuss the verisimilitude between the space and the Old Woman; to analyze the discourse of the abandonment of minors and the sacred in the poetics. To do so, it was necessary to follow a qualitative and bibliographic methodology, listing authors such as Walter Benjamin (1989), Marcelo Lima Costa (2016), Dinacy M. Corrêa (2010), among other relevant works in the area. Thus, the present work stands out because it proposes a different perspective on the consecrated poem from Maranhão, as well as because it highlights the local literary production.

Keywords: poem; melancholy; *Litany of the old woman*; abandonment; sacred.

Received on June 20, 2023.
Accepted on October 16, 2023.

Introdução

O presente artigo é fruto de discussões sobre a obra *Litania da Velha* (Cruz, 1997), da escritora maranhense Arlete Nogueira da Cruz, durante a disciplina de Teorias da Narrativa e da Poesia no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Esta investigação teve como finalidade tratar da temática melancolia no poema arleteano e verificar quais mecanismos lexicais e semânticos foram utilizados para embasar o ponto de vista suscitado. Quando se pensa em melancolia na literatura há uma imagem de tristeza e saudosismo que surge (ou faz parte) da órbita do eu lírico, mas isso não é regra. Para Scliar (2011, p. 5), "[...] o temperamento melancólico é um temperamento metafórico, propenso, pois, à criação na filosofia, na poesia, nas artes [...]", ainda que haja um 'preço' a se pagar, pois o que autor chama de talento (melancolia) "[...] os arrebatava e os conduzia pela vida como um barco sem lastro [...]".

Alguns questionamentos surgiram e nortearam esta pesquisa: 1 – Como o eu lírico lida com a melancolia no poema? 2 – Que relação pode-se estabelecer entre as marcas lexicais apresentadas no percurso da Velha e a cidade? 3 – Como a velhice feminina e o abandono são descritos pelo narrador por meio das personagens? 4

- Há alguma aproximação entre o sagrado e a melancolia em *Litania da Velha* (Cruz, 1997)? Para responder a essas perguntas sobre melancolia utilizou-se a literatura de Scliar (2011), Walter Benjamin (1989), Marcelo Lima Costa (2016); Cruz (1997), Corrêa (2010) e outros investigadores que discutem a obra *Litania da Velha* (Cruz, 1997) sob outros aspectos como Ferreira (2023), Furtado (2019), Veloso e Silva (2022).

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a presença da melancolia construída dentro do texto em questão, além de discutir a verossimilhança entre o espaço e a Velha; por fim, analisar o discurso do abandono de menores e do sagrado na poética. Para isso, investigamos, nos versos do poema, as relações intertextuais presentes entre a narrativa da Velha e da cidade de São Luís, em especial o espaço Centro Histórico; além de descrever como o eu lírico tece a melancolia da passagem temporal, em um transcorrer da vida cotidiana, permeada pela velhice, abandono e sagrado/profano.

Litania da velha, de Arlete Nogueira da Cruz

Litania da velha (Cruz, 1997) foi escrito em 1995 pela autora maranhense Arlete Nogueira da Cruz. Na segunda edição do livro, tem-se a afirmação da escritora sobre o texto em questão, o qual ela considera como “[...] uma declaração de amor a São Luís do Maranhão” (Cruz, 1997, p. 10). Além disso, o texto é oferecido para sua mãe, bem como para as “[...] velhas mendigas de São Luís [...]” (Cruz, 1997, p. 10), parte na qual podemos observar a principal personagem expressa pelo sujeito lírico: a Velha.

Existe um curta-metragem dirigido por Frederico Machado (1997) que adapta o poema citado para o formato de vídeo, o qual se passa no Centro Histórico da capital maranhense. Outro formato de produção que está na segunda edição do livro é a fotografia, na qual os produtores Edgar Rocha, Raimundo Guterres e Wilson Marques reconstroem a lírica arleteana em imagens.

Percebemos em ambas as imagens (Figuras 1 e 2) o tom de solidão e melancolia, composto nas escolhas de posição de câmera e tonalidade. No primeiro caso, a Velha caminha sozinha e distante; no segundo, seu rosto se aproxima, tendo seu olhar focalizado, apartado e parecendo carregar o peso dos anos decorridos.



Figura 1. *Litania da velha*, curta de Frederico Machado (1997).



Figura 2. Fotografia de Edgar Rocha, Raimundo Guterres e Wilson Marques (1997).

Fonte: Acervo do autor.

Como já foi destacado por Corrêa (2010), o título 'litania' é uma nomenclatura que faz referência à 'ladainha', termo utilizado para tratar de uma oração para Deus, na qual se destaca a evocação, o clamor e a repetição. Neste caso, o poema seria uma oração, um pedido de misericórdia da Velha. Esta expectativa não se confirma no poema, a oração é realizada pelo sujeito lírico, que observa a cena, e não pela Velha.

Observa-se ainda que o poema não segue a estrutura da ladainha, pois é narrado na terceira pessoa do singular, ao invés da primeira pessoa do singular, bem como não se tece para Deus ou ao plano superior, mas aos indivíduos. Neste sentido, ele é escrito em dísticos, em versos livres e apresenta alguns indivíduos durante a tessitura textual: a Velha, o cachorro, as crianças, o Bêbado, o Pescador, o Homem, a Mulher, o Camelo, o Passante. Destaca-se a escolha morfológica da escritora no uso do artigo definido. Essa estruturação sugere o ato de narrar (poema sem rima, com versos longos) uma história específica.

Desse modo, o eu lírico relata a trajetória da Velha, cujo destino final não nos é contado. Ela caminha pela cidade, bebe um café, encontra algumas pessoas, cansa-se pela quentura do ambiente, encontra uma moeda e cai, sendo sugerida, pelo sujeito lírico, a sua morte. São nesses momentos ordinários que o eu lírico invoca as imagens dos casarões antigos e abandonados, tal como a Velha. Assim, "[...] cidade e pessoa se identificam marcadas pela metamorfose do desgaste do tempo representado metaforicamente pelo salitre" (Brandão, 2021, p. 7). Este último aspecto será comentado com mais detalhes adiante.

Outros aspectos também são perceptíveis antes do início do poema em si, como a epígrafe utilizada: 'A arte não reproduz o visível. Torna-o visível', o que se torna uma característica essencial da obra, apresentar aquilo que ninguém enxerga, mas que está, por vezes, nítido, tal qual a decadência dos casarões históricos e do corpo da Velha.

Ao contrário do tom regional que se pode esperar de *Litania da velha* (Cruz, 1997), a expressividade do eu lírico ultrapassa o espaço ludovicense, alcançando aspectos comuns à humanidade, como a melancolia. Desse modo, a poesia revela esse sentimento na passagem do tempo, no 'espelho' em que a Velha é São Luís e São Luís é a Velha (Corrêa, 2010).

Também presente na melancolia está o abandono, em que a Velha, entendida como uma senhora de idade avançada e mendiga, vaga pelo centro da cidade de São Luís sem ascendência ou descendência, solitária e silenciada. A Velha não possui autonomia na sua voz, mas é contada por um terceiro, neste caso, o eu lírico.

Destaca-se, com fundamento em Furtado (2019), que o melancólico em *Litania da Velha* (Cruz, 1997) não é compreendido como um elemento isolado nesta produção da escritora, mas é possível ser observado em outras obras, como *Canção das horas úmidas* (Cruz, 1975). Desse modo, enfatiza-se a presença dessa característica na escrita arletiana:

Freud (1980d, p. 286), em seu ensaio Luto e Melancolia, ao referir-se ao estado melancólico, denomina-o 'ferida aberta, atraindo a si as energias catexiais'. A 'ferida aberta da recordação' do verso de Arlete nos traz a imagem de algo incatexiável, a recordação recoberta pela dor (Furtado, 2019, p. 109, grifo do autor).

Litania da velha (Cruz, 1997) mantém o pesar e a dor, sendo estes sentimentos os fomentadores subjetivos essenciais desse poema. O cotidiano da velha constitui-se do sofrimento de relembrar um passado esquecido e que não consegue ser restaurado: "A rua se reserva precária aos passos vacilantes, entre lembranças. / A pobre mulher sai maltrapilha, sem pressa, carregando brio e saudade" (Cruz, 1997, p.18).

Ainda que não seja o foco do trabalho, é válido destacar a ideia de *flâneur* existente no poema, pois o eu lírico acompanha essa andarilha solitária que reflete, a partir de suas andanças, sobre a condição humana. Observa-se que: "A velha mastiga uma espera e digere paciente o cansaço. / A fome passa na expectativa cruel de não ser satisfeita" (Cruz, 1997, p. 38). O que poderia parecer uma descrição impessoal, na verdade sugere por figuras de linguagem a perspectiva do eu lírico acerca da situação da Velha em face da tradição representada pelo Centro Histórico e os espaços ludovicenses alterados pela modernidade (Costa, 2016). A Velha, tal como o *flâneur* em Walter Benjamin (1989), suporta os reveses da passagem do tempo, mas igualmente tem a potencialidade de fazer a mediação crítica entre as duas temporalidades, na mesma São Luís: a tradição e a modernidade.

A melancolia em *Litania da velha*

Nesta parte do trabalho, busca-se analisar a melancolia expressa em *Litania da velha* (Cruz, 1997), considerando o sofrimento presente no passar do tempo, sendo um '*carpe diem*', a orientação horaciana para aproveitar o momento, "dolorosamente às avessas: o tempo passou; não é mais possível aproveitá-lo, mas apenas

lamentar o seu efeito irreversível, inexorável – ou talvez resgatar-lhe alguns valores” (Corrêa, 2010, p. 6)

Também, como foi indicado por Teixeira (1997), o poema é feito como uma declaração para a cidade (sua parte antiga/histórica) que está morrendo. Isso constrói um caminho de dupla melancolia em relação à perda (de si, do passado, do que nunca se teve), já que a obra é estruturada no ‘espelho’ entre a Velha e a cidade São Luís. Desta forma, foram elencadas quatro categorias de análise: a velha/a cidade; a velhice feminina; o discurso do abandono e o sagrado, ressaltando a tristeza que permeia todo o texto.

A Velha e a cidade

Percebe-se que na construção da personagem Velha há referências à cidade de São Luís, capital do estado brasileiro do Maranhão. Assim como o espaço da velha cidade com seus casarões, que revelam certo descaso público, o quarto da Velha “[...] exibe sua miséria” (Cruz, 1997, p. 20). O tempo, nesse caso, é melancólico, exibindo não a beleza resultante da miséria, mas a tristeza advinda da carência. As ruas da cidade andam precárias junto ao andar vacilante da Velha. Em dados momentos estes se entrecruzam e formam um único objeto vagante.

O negativismo do ser melancólico centra-se no fato de que ele não nega o mundo, nem a existência das coisas, mas esse entorno nada lhe concerne. A melancolia, enquanto afecção, age sobre o sujeito não do ponto de vista da percepção, mas do afeto. Para o melancólico, não há alternativas que não sejam ou o ideal ou a morte (Furtado, 2019, p. 38).

A poeta utilizou uma analogia científica para falar da estética da cidade e da Velha - sabe-se que a higiene reflete no indivíduo hábitos salutaros, do contrário, este estaria vulnerável à proliferação de doenças e bactérias nocivas. As cáries, por exemplo, que são “[...] uma doença infecciosa e transmissível que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais [...]” no texto é comparada às casas da cidade (Narvai, 2000, p. 382). O descuido estético no âmbito arquitetônico dessas estruturas quando associados aos buracos descritos pela poeta supõem uma estética melancólica do abandono e, nesse estado, paralelamente, a velha vê no seu sorriso carente de dentes a fragilidade, o esquecimento e as marcas do tempo (Cruz, 1997).

O tempo também deixa marcas na cidade: os antigos sobrados que outrora foram monumentos icônicos e deslumbrantes que reluziam poder agora estão “[...] sem telhados [...]” e “[...] são armadilhas de sorrateiro interesse” (Cruz, 1997, p. 31). Neste último verso, têm-se a figura dos casarões e sobrados não mais como artefatos históricos que documentam a sociedade de uma época, mas como objetos de posse e valor capitalista imobiliário. A exemplo disso, verifica-se a sentença contra o Município de São Luís que foi feita pelo Ministério Público em 2022 e que causou revolta entre a população ludovicense. Segundo o G1 MA (2022), “[...] muitos dos casarões e sobrados do conjunto arquitetônico do Centro Histórico de São Luís estão sendo transformados em estacionamentos rotativos, o que é um crime contra esse patrimônio tombado pela [...] (UNESCO) há 25 anos”. Atemporal, a obra *Litania da Velha* (Cruz, 1997) já fazia entre os seus versos um prelúdio do que sobraria desta arquitetura histórica da cidade: “[...] o sobrado desaba sob a complacência de quem lhe espreita essa queda” (Cruz, 1997, p. 32).

Em mais um momento em que se percebe a aproximação afetiva e emocional entre a cidade e a Velha, o eu lírico aborda outra analogia, dessa vez advinda de reações químicas: enquanto na Velha “[...] a lágrima desce como salsugem da flacidez dos seus anos [...]”, na parte antiga da cidade “[...] a ilha se desfaz em salitre” (Cruz, 1997, p. 33). No primeiro caso, tem-se a lágrima como resultante da composição de diversos sais e que, de certa forma, limpam e ajudam a manter o equilíbrio do organismo. No entanto, “[...] quando o caminho do escoamento da lágrima se obstrui, ou seja, entope, a pessoa passa a viver, temporariamente, com o olho marejado, cheio de lágrimas [...]” (Alves, 2021), fazendo com que pessoas de idades avançadas apresentem olhos marejados e cheios de lágrimas.

Por sua vez, o salitre é uma substância que surge nas paredes de alguns monumentos ou casas com umidade aparente, o que sugere a putrefação dos casarões:

Os sais solúveis originam problemas estéticos, diminuição das condições de habitabilidade e acarretam custos elevados associados a reparações recorrentes. Em casos extremos, os sais podem comprometer a segurança estrutural de construções antigas. A perda progressiva e generalizada de vestígios históricos e artísticos é também uma consequência infelizmente comum (Gonçalves & Rodrigues, 2005, p. 41).

Tanto o salitre quanto as lágrimas, reflexos da idade avançada, simbolizam a perda gradual de marcas e vestígios históricos da identidade. Como num luto progressivo em que as substâncias químicas do corpo atuam para evidenciar a deterioração, lágrima e salitre evidenciam “[...] um esvaziamento do mundo, que é

representado como pobre e vazio [...]”, enquanto a melancolia existe como “[...] um esvaziamento do próprio ego” (Furtado, 2019, p. 37).

Velhice feminina

A velhice feminina é pouco retratada na literatura brasileira, menos ainda a velhice de uma mulher com baixa renda. Notamos que o eu lírico no poema arletiano oportuniza essa expressão, caracterizando bem a Velha. Primeiramente, ela não recebe nome, assim o adjetivo se torna substantivo, o passar temporal é transmutado em seu ser. Ademais, a palavra ‘velha’ carrega consigo a ideia de um adjetivo pejorativo.

Além disso, recebe diversas adjetivações que focalizam na sua condição econômica: ‘pobre andarilha’, ‘pobre mulher’. Ressalta-se que existe uma inversão sintática em que antes de ser ‘andarilha’ ou ‘mulher’, ela é pobre. Pobreza a qual não se destina somente à falta de dinheiro, mas também a várias ausências de sua vida, sendo observada como ‘coitada’ pela sua baixa condição econômica.

Essas lacunas em sua existência também tecem o tom melancólico do texto, bem como o momento da velhice, já que essa fase biológica é reconhecida como idade de reflexão profunda sobre o passado, em termos de arrependimentos e saudosismo. Em continuação à caracterização, o sujeito lírico descreve o corpo da Velha: “[...] o corpo da velha pesado de panos e ossos são ondas de enjôo. / Os chinelos falidos arrastam desejos frustrados deixados ao chão” (Cruz, 1997, p. 26).

Observa-se que o corpo da Velha é composto por panos, sua roupa, ossos, sua composição física, mas, ao contrário do esperado, não há carne ou vitalidade, pois ela está em decadência. Nesse mesmo sentido, a voz lírica constrói uma metáfora, na qual os chinelos, item utilizado para caminhar, acompanham seus desejos que não foram concretizados e, ao que parece, não poderiam mais ser pela sua idade. Isso também é reforçado pelo seu “[...] coração combalido” (Cruz, 1997, p. 31).

Complementando o que foi visto acima, segue no trecho: “A dor centenária aflora na multidão dos tristes fantasmas. / A lágrima desce como salsugem da flacidez dos seus anos. / A antiga cidade é uma ilha que se desfaz em salitre” (Cruz, 1997, p. 31). Aqui é formada uma comparação entre a Velha e a condição geográfica insular de São Luís. Assim, a Velha se desfaz em lágrimas como São Luís se desfaz no salitre do mar, os quais (lágrima e salitre) corroem a vivacidade dos dois corpos: da Velha e da Ilha maranhense.

Outras expressões também são usadas para destacar seu definhamento: ‘os pés inchados’, ‘as veias lhe saltam sob a pele das mãos como afluentes sem rumo’, ‘as unhas lascadas não crescem no uso exasperado das mãos’. Deste modo, a melancolia é construída na constituição da Velha, em seu emocional que se mistura literariamente à sua constituição física.

Exemplos disso, também, podem ser vistos em: “[...] os dentes perdidos choram o leite de uma infância negada [...]” (Cruz, 1997, p. 34), no qual a autora usa o recurso da prosopopeia, indicando ações para os dentes que revelam aquilo que a Velha não teve direito, sua infância. Outrossim, “[...] os olhos são fachos ardendo na febre de uma ausência sentida” (Cruz, 1997, p. 35). Novamente as partes do corpo são personificadas e neste caso, os olhos, que ardem no paradoxo da ‘ausência sentida’, uma vez que ela sofre por aquilo que não pode viver.

Como uma dessas vivências tiradas da Velha, tem-se a maternidade:

Os braços protegem a sacola como se resguardasse a história. / A história que teve no ventre e no seio como conquista só sua. / Os seios murcharam à morte do filho a quem o leite faltou. / A boca calada engole o grito de dor que ecoa no abismo (Cruz, 1997, p. 41).

A voz lírica sugere que a protagonista perdeu seu filho ainda bebê e isso teria sido ocasionado pela falta de alimento para supri-lo – seja por parte da sua mãe ou da sociedade que o negligenciou. Seu corpo, representado em ‘ventre’ e ‘seio’ possuem as marcas da perda de seu descendente, o que traz o ‘grito de dor’ que é calado, mas ainda sim ressoa na vida da Velha.

Nesta citação: “[...] a catarata nos olhos empasta azulada a transparente tristeza. / O olhar conformado desconfia do tempo que denuncia a tragédia [...]” (Cruz, 1997, p. 39), a visão da Velha está desfavorecida pela catarata, contudo, esta doença, em sua condição de declínio, é capaz de expressar a tristeza da Velha, um sentimento que não é possível ser escondido, pois é transparente em seu olhar. O eu lírico, também, oferece pistas sobre o que acontecerá: a morte da pobre mulher.

Assim, tendo em vista o que se analisou até aqui, percebe-se que a melancolia é representada na caracterização da Velha, seja seu físico em decaimento ou na rememoração do passado, aspectos os quais transitam, como já discutido, com a cidade de São Luís, ambas em abandono assim como acontece com menores.

O discurso do abandono de menores

Na literatura brasileira há autores que discutem a temática do menor abandonado. Por exemplo, na narrativa de *Capitães da Areia*, romance de 1937, o autor Jorge Amado (1912-2001) representa o cotidiano de menores abandonados que vivem sob um Trapiche, na região urbana de Salvador, capital do estado da Bahia: “Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem” (Amado, 2008, p. 17). A personagem Pedro Bala age como adulto em meio à inocência de uma criança de sua idade, buscando formas de aperfeiçoar sua liderança frente aos demais e respeito de todo o bando. O abandono configura-se como tentativa de apagamento de identidades nessa obra em que crianças não possuem nomes de batismo, em sua maioria, mas são denominadas de acordo com a invisibilidade de cada um, no seu precoce papel social. Retrato esse que também é visto em *Os miseráveis* (1862), de Victor Hugo, em que “[...] as mudanças sociais provocadas pelo novo modo de produção fizeram com que as cidades inchassem e aqueles que não encontravam emprego no mercado estavam fadados a viverem nas ruas e praças” (Menezes, 2021, p. 205).

O abandono de crianças é sempre observado pelo poder público como questão ou problema social. Intitulados de ‘pivetes’ ou ‘trombadinhas’, os menores eram encarados como risco à sociedade já na década de 1970 (Frontana, 1999). Essa imagem contrasta com a construída no poema *Litania da Velha* (Cruz, 1997) em que “[...] as crianças, jacintos errantes, reclamam cuidados fraternos” (Cruz, 1997, p. 36). Essas crianças, sem apoio familiar ou mesmo do Estado, “[...] ficam entregues à própria sorte, na promiscuidade dos cortiços, das casas de cômodos (favelas, mocambos, malocas), ou na rua” (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor [FUNABEM], 1968, p. 20) Nesse sentido, a cidade envelhece à medida que parte dela também é enclausurada, debilitada ou sucateada e as crianças, assim como a Velha e os outros personagens, são elementos que constituem e são constituídos nesta cidade de abandonos.

Neste trecho do curta-metragem (Figura 3), baseado na obra poética de Arlete da Cruz, o narrador demonstra de que forma esses menores abandonados se recreavam entre as mazelas da cidade: “[...] a criança brinca no esgoto que escoar também o seu sonho pequeno” (Cruz, 1997, p. 21). A inocência e a fragilidade em meio à miséria fazem com que as crianças abandonadas não criem filtros em suas vivências sobre o que é ou não lazer, de certo, podendo-se inferir que estas até mesmo o consideram como mais um momento de trabalho. A respeito dos conceitos de tempo de lazer das crianças, Pereira e Neto (1999, p. 93, grifo do autor) explicam que

A criança, que fica em casa ou na rua só, age livremente. Em contrapartida, é uma criança solitária e corre riscos de segurança. A criança que fica em casa com os pais/familiares tem liberdade, não sente a solidão e está em segurança. A criança que frequenta uma instituição de ‘Atividades de Tempos Livres’ está sujeita a uma liberdade controlada, em segurança [...].



Figura 3. *Litania da velha*, curta de Frederico Machado (1997).

É de se esperar que os menores que contam com a assistência dos pais, da escola e das autoridades institucionais cresçam de forma saudável e controlada. Diferentemente daquelas que aprendem valores, educação e se dedicam aos estudos enquanto se desenvolvem, as crianças que estão relegadas ao esquecimento, na insegurança das ruas, enfrentam a solidão e a liberdade vacilante que a cidade pode proporcionar. *A Litania da Velha* (Cruz, 1997) mostra como, na cidade de São Luís, nem as crianças são poupadas da pobreza e do descaso. Pelo contrário, a poeta denuncia como elas aprendem a fazer ‘das tripas,

coração' ao não aceitarem a morte como solução para a aflição da fome. Elas resistem e ressignificam os espaços das ruas sendo livres e vagantes. Assim como os menores abandonados de Salvador em *Capitães da Areia* (1937), há no poema analisado a construção de um cotidiano de fome e desigualdade social em uma cidade que não acolhe crianças, mas as abandona à própria sorte.

O sagrado, a melancolia, a Velha

O sofrimento de existir também é atravessado pelo elemento sagrado na poética arletiana. No poema *Litania da Velha* (Cruz, 1997), que pelo próprio título faz referência à oração, tem-se a presença de elementos religiosos como artifícios que ambientalizam a melancolia.

Sobre essa configuração, Coelho (1997, p. 12) descreve a intencionalidade da poeta de: “[...] elevar o profano à dimensão do sagrado, desvendar a grandeza e/ou a sacralidade ocultas sob as formas degradadas de seres e coisas que, depois de terem tido suas vidas e energias sugadas, foram atiradas fora, como bagaço”.

Isso retoma o conceito de Eliade (2018) acerca do sagrado:

Para os ‘primitivos’, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. A oposição sagrado/profano traduz se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo real (Eliade, 2018, p. 18, grifo do autor).

Dessa forma, os aspectos cotidianos ignorados e abandonados pela sociedade, neste caso a Velha, os casarões de São Luís e as crianças, são retirados de seu lugar decadente e indigno para se aproximarem do sagrado presente dentro deles. Portanto, ao longo do texto, acompanhamos o eu-lírico que nos revela uma Velha e São Luís permeados por putrefação e melancolia, mas que também são capazes de entregar poesia, retirando o que seria de um local profano para o caráter sagrado.

Também, vemos que os aspectos litúrgicos da religião cristã não são isolados aos clássicos: “[...] não é na obra dos escritores verdadeiramente grandes que a questão sobre Deus ‘arde’? E não só nos ‘clássicos’ como Dostoiévski e Tolstói, Kafka e Camus, mas também em autores contemporâneos” (Kuschel, 2018, p. 534, grifo do autor). Assim, a lírica em questão ressoa também questões transcendentais, seja por referências à devoção ou à construção textual.

Nesse sentido, “[...] a Velha segue contrita o percurso que perfaz com fiel devoção. / Os anos na corcunda lhe duram e doem como pesados fardos.” (Cruz, 1997, p. 23). Seu caminhar é um ritual sagrado de não desistência, o qual é comparado textualmente aos passos de Jesus na *Via Crucis* (Coelho, 1997), na qual Cristo passou pelo calvário até ser morto na cruz. Trajetória semelhante, em quesitos literários, ao da Velha que anda em seus percalços até chegar à morte.

Esse rumo é carregado de melancolia, pois a Velha desconfia que a tragédia de sua morte está se aproximando, já que o tempo tem se esgotado para ela, inclusive em seu corpo. Desse modo, *Litania* narra a vida de uma mulher pobre e esquecida como uma personagem de destaque e valor, que também deveria ser ouvida.

Considerações finais

Percebem-se como os diferentes teóricos que discutem a melancolia e pesquisadores da obra *Litania da Velha* (Cruz, 1997) evidenciam a forma com que indivíduos partícipes de grupos minoritários (idosa mendiga, crianças de rua etc.) são vistos no ideal de uma cidade antiga, vítimas de descaso e esquecimento. Na chamada vida moderna não há espaço para o ócio e regozijo, pelo contrário, os novos espaços urbanos sufocam o eu e delimitam suas ações. A apreciação da arquitetura histórica fica relegada a segundo plano enquanto “[...] a modernidade se concretiza [...]”, “[...] a ambiguidade da melancolia petrárquica se concretiza na literatura moderna [...]”, ainda que os artistas sintam a nostalgia de um antigo idealizado, “[...] que mais reflete um desejo do impossível do que a retomada histórica rigorosa da antiguidade” (Almeida, 2013, p. 8).

Nessa perspectiva, esta pesquisa buscou analisar a presença da melancolia no poema de Arlete da Cruz, traçando paralelos entre a vida da Velha e a personificação da cidade antiga de São Luís, em que passado e presente se entrecruzam e dialogam: “A melancolia é o passado-presente donde surge a esperança presente do futuro, mas na medida em que a Fortuna devolve o fruto de sua esperança (os poemas) ao poço da melancolia, este não é mais o passado-presente, mas o presente já futuro” (Almeida, 2013, p. 9).

Além disso, analisou-se o discurso do abandono de menores e do sagrado na poética arletiana. Para isso, investigaram-se, nos versos do poema, as cores do saudosismo e os sentidos da melancolia, já que “[...] o

melancólico se isola e o mundo passa por ele como um filme em preto e branco: nada o toca ou tem sentido” (Menezes, 2021, p. 204). Verificaram-se, assim, as múltiplas maneiras com que o eu lírico lida com a melancolia no poema; a relação lexical que aproxima a Velha e a cidade antiga de São Luís e a órbita do sagrado que evocam da litania (oração) analisada.

Referências

- Almeida, N. E. D. (2013). Considerações semióticas sobre a melancolia, em especial na literatura moderna e no cinema de Andrei Tarkovsky. In C. M. D. R. Reis, & G. J. C. Mograbi (Orgs.), *Cinema, literatura e filosofia: interfaces semióticas* (p. 113-170). Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras.
- Amado, J. (2008). *Capitães da areia*. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras.
- Alves, B. (2021). *Por que os olhos de algumas pessoas lacrimejam tanto? Conheça motivos*. Recuperado de <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/01/25/por-que-os-olhos-de-algumas-pessoas-lacrimejam-tanto.htm?cmpid=copiaecola>.
- Benjamin, W. (1989). *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo* (Obras Escolhidas, vol. 3). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Brandão, F. (2021). A literatura feminina no maranhão, autoras e obras face à academia maranhense de letras (aml)-literatura feminina. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar*, 2(5), e25346. DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i5.346>
- Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor [FUNABEM]. (1968). *Aspectos da política do bem-estar do menor no Brasil*. FNBEM.
- Coelho, N. N. (1997). *Posfácio para Litania da Velha, de Arlete da Cruz*. São Luís, MA: Lithográfica.
- Corrêa, D. (2010). Uma odisséia no centro histórico de São Luís. *Garrafa*, 8(24), 1-12. Recuperado de <https://revistas.ufrrj.br/index.php/garrafa/article/view/7372>
- Costa, M. L. (2016). *O projeto de modernização de São Luís nos anos Paulo Ramos (1936-1945)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Maranhão, São Luís.
- Cruz, A. N. (1997). *Litania da velha*. São Luís, MA: Lithográfica.
- Eliade, M. (2018). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo, SP: WMF.
- Ferreira, M. N. C. (2023). *A insurgência da flâneuse negra em litania da velha, de Arlete Nogueira da Cruz: um olhar decolonial sobre a experiência subalterna do espaço* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Maranhão, Bacabal. Recuperado de <http://tede.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/4737>
- Frontana, I. (1999). *Crianças e adolescentes: nas ruas de São Paulo*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Furtado, M. S. A. (2019). *O decadentismo e a litania da velha: uma leitura a partir da psicanálise*. São Luís, MA: Eduema.
- Gonçalves, T. D., & Rodrigues, J. D. (2005). Rebocos para paredes antigas afectadas por sais solúveis. patologia, princípios de funcionamento e adequabilidade. In *Conferência do Seminário Sais Solúveis em Argamassas de Edifícios Antigos. Danos, Processos e Soluções* (p. 14-15). Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/260590046_REBOCOS_PARA_PAREDES_ANTIGAS_AFFECTADAS_POR_SAIS_SOLUVEIS_PATOLOGIA_PRINCIPIOS_DE_FUNCIONAMENTO_E_ADEQUABILIDADE
- G1 MA. (2022). *Transformados em estacionamentos, casarões do Centro Histórico de São Luís correm risco de serem descaracterizados*. Recuperado de <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2022/07/07/transformados-em-estacionamentos-casaro-es-do-centro-historico-de-sao-luis-correm-risco-de-serem-descaracterizados.ghtml>.
- Kuschel, K.-J. (2018). *Talvez escute Deus a alguns poetas: a literatura enquanto desafio à fé cristã*. Lisboa, PT: Universidade Católica.
- Menezes, M. A. (2021). Melancolia urbana. *Albuquerque: Revista De história*, 13(26), 202-207. DOI: <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.14587>
- Machado, F. (1997). *Litania da velha, um filme de Frederico Machado* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=-k4t2qPYdUM&t=761s>
- Narvai, P. C. (2000). Cárie dentária e flúor: uma relação do século XX. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(2), 381-392. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-81232000000200011>

- Pereira, B. O., & Neto, C. (1999). As crianças, o lazer e os tempos livres. In M. Pinto, & M. Sarmento (Coords.), *Saberes sobre as crianças: para uma bibliografia sobre a infância e as crianças em Portugal (1974-1998)* (p. 85-107). Braga, PT: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. Recuperado de <https://hdl.handle.net/1822/9647>
- Scliar, M. (2011). A melancolia na literatura. *Cadernos Brasileiros e Saúde Mental*, 1(1), 1-12. DOI: <https://doi.org/10.5007/cbsm.v1i1.68422>.
- Teixeira, L. (1997). *Posfácio para Litania da Velha, de Arlete da Cruz*. São Luís, MA: Lithográfica.
- Veloso, G. L., & Silva, J. F. S. (2022). Entre versos e memórias: a cidade em Os telhados, de José Chagas, e Litania da velha, de Arlete Nogueira. *Revista de Letras - Juçara*, 6(1), 54-68. DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v6i1.2737>